


## **EDUCAÇÃO E ARTE – BUSCA DA LIBERDADE. UM ESTUDO DA AULA DO EDUCADOR JOEL MARTINS. A DISTÂNCIA DAS ESCOLAS BRASILEIRAS**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n4-293>

**Data de submissão:** 29/03/2025

**Data de publicação:** 29/04/2025

**Luiz Augusto Normanha Lima**  
Prof. Dr.

### **RESUMO**

Trata-se este artigo de uma transcrição de uma aula intitulado Educação – Arte e a busca da liberdade, do professor Joel Martins em abril de 1990, no qual com maestria de bagagem de conhecimento esse renomado filósofo brasileiro, generosamente oferecia durante suas aulas na Pontifícia Universidade Católica, na PUC São Paulo. É, portanto, uma homenagem, de 35 anos deste texto escrito pelo Mestre Joel Martins. Inicia mostrando que a liberdade é uma questão dialética como algo incompleto que precisa completar-se, na superação dos obstáculos com que nos defrontamos. pontua a diferença entre liberdade e comportamento livre de responsabilidades, de autoridade e de obrigações. Ser livre é ser autônomo, ter escolhas diante de um mundo condicionado. Liberdade abrange transpor obstáculos, para possíveis escolhas de atividades – ausência de obstruções na estrada, na qual o homem decide andar. Apesar de ser tão almejada a liberdade, de ser tão importante ser livre, ela deixa, também, um vazio existencial por ser assumida como uma garantia, como tendo existência própria. E que mesmo liberdade estando ligado a prosperidade, superar os obstáculos, as limitações, sair da pobreza, mesmo assim, muitas pessoas não querem arriscar a ser livres, por ser assustador serem consideradas, na sociedade, como diferentes. Enfim, liberdade é saber habitar as regras do dever e do poder e isso nos leva a um poder da imaginação e um dever alertar para seu uso.

**Palavras-chave:** Liberdade. Autonomia.

## 1 SOBRE O EDUCADOR JOEL MARTINS

Este artigo é a exposição de uma das muitas aulas assistidas na PUC de São Paulo com o meu saudoso mestre, orientador, o educador Joel Martins. Para quem sabe o que esse nome, significa na educação, não teria necessidade de escrever muitas linhas para declarar a importância deste educador na educação brasileira. Sei que para realmente falar sobre ele e da sua produção acadêmica, seria mesmo necessário um artigo a parte. Sua produção não foi somente o que ele nos deixou registrado. E aqui cabe um parêntese. Muito do que fez, foi publicado, no entanto, o Prof. Joel Martins nunca deixava de escrever um texto para ministrar suas aulas, em salas sempre lotadas de alunos, todos atentamente absorvendo cada palavra pronunciada com a voz suave onde ele ia calmamente, nos levando a esferas, horizontes de tão profunda importância para a nossa educação, que qualquer tentativa de tentar traduzir essa atmosfera ainda ficaria aquém do que realmente eram as aulas do Prof. Joel Martins. Esse educador não tão famoso entre outros mais badalados, teve sua passagem aqui pelo mundo e providenciou uma caminhada segura para muitos educadores. E aqui mora a outra produção do Prof. Joel Martins, ele se revela realmente um educador de alto grau de excelência e importância pois formou toda uma geração de renomados nomes que hoje representam o nosso conhecimento educacional, praticamente influenciou e despertou e conquistou seguidores e assim toda a Escola de Educação da Unicamp e a Universidade Pontifícia Católica de São Paulo devem realmente muito a esse educador, e até merecidas homenagens que não acontecem, no âmbito dessas universidades, primeiro porque a vida universitária como dizia o próprio professor Joel não reconhece seus valores. Dizia o Prof. Joel. Nós somos na universidade signos não lidos. O que ele estava dizendo é sobre a desvalorização e acréscimo, também, o alto grau de rotatividade. Os novos não conhecem o passado, os grandes nomes esquecidos. O hábito do consumo imediato e superficial do conhecimento, alavanca os que esquecem de saber que há uma história esquecida. A desvalorização das pessoas ocorre na universidade como em qualquer outro órgão público, que normaliza, o esquecimento de muitos talentos, com muita bagagem e o que pesa, mais ainda, em tudo isso são os muitos badalados, homenageados e que na realidade mesmo não fizeram tanto como aqueles esquecidos. No entanto quando falo do Prof. Joel Martins devo e preciso falar o suficiente para que o nome dele não seja esquecido. Um ser iluminado que possibilitou tantas vidas se formarem e aprofundou tanto o conhecimento de muitos que tiveram a felicidade de o encontrar no seu caminho e que puderam beber desta fonte inesgotável de conhecimento. Devemos pensar nele como alguém que cumpriu o seu papel como professor em sala de aula, como produtor de conhecimento, como Reitor da PUC de São Paulo que foi a sua última batalha em vida e infelizmente não conseguiu terminar, mas podemos lembrar que foi ele o Prof. Joel Martins que com sua força e

garra criou a primeira pós graduação no Brasil nas salas de aulas, nos subterrâneos do antigo prédio da PUC de São Paulo, improvisadas após conquistar o espaço dos ratos.

Este texto, é então uma homenagem a este renomado educador o Professor Joel Martins, em que recordo este texto de aula, não publicado, que estão entre os muitos que guardo com carinho. Aproveitando que este ano será a minha volta as aulas depois de dois anos parado de licença prêmio, ia aposentar-me, no entanto resolvi continuar, mesmo porque ainda há muito a se falar de Fenomenologia e Joel Martins.

Devo inicialmente pedir vênica a todos (as) membros e sócios, da Sociedade de Estudos e Pesquisas Qualitativas SEPQ, e a todos os alunos do Prof. Joel Martins em especial as Profas. Dras. Maria Aparecida Viggiani Bicudo, Vitória Helena Cunha Espózito, Ozeneide Venâncio de Melo Machado e Carmem Sylvia Guimarães Aranha, nossa consultora de artes, as guerreiras alunas que acompanharam mais de perto o Prof. Joel Martins, para expor aqui essa aula magnífica, entre tantas, escolhi está, especificamente de abril de 1990. Ainda me lembro da provocação de uma aluna ao nosso querido professor, querendo o intimidar. Foi logo dizendo: “Falar de liberdade é fácil tendo posição, quero ver falar de liberdade nesse mundo que vivemos, de diferenças, de injustiças, de intolerâncias, de racismo, de especismo, de tantos ismos como ousar e poder falar de liberdade?

Vamos a aula. Vou aqui apenas digitalizar o texto do Prof. Joel para a aula sobre Educação – Arte e a busca da liberdade, conservando a profundidade da forma como ele expunha o pensamento, é tão claro que certamente não interromperei para esclarece, apenas sigo no desejo de comentar algo tão valioso em certos momentos do texto. O importante aqui é trazer esses escritos do Professor Joel Martins, não publicado, para ressuscitar suas ideias. Sigo de perto a numeração que o Professor Joel Martins se utilizava para elaborar suas ideias, sinalizando quando mudei essa numeração. Dizia então o saudoso professor em seu texto de aula.

1. Antes de iniciar este texto gostaria de chamar a atenção para um ponto que reputo muito importante. Um destes dias alguém chamou-me atenção dizendo: “É muito fácil você falar aí da sua cadeirinha sobre liberdade, porém, duvido que você viva essa liberdade que prega e, mais ainda, que você respeite a liberdade dos outros.
2. Acho que essa pessoa tinha razão. É difícil exercer a própria liberdade e mais ainda, respeitar a liberdade dos outros. Entretanto, nada impede que mesmo dentro das nossas próprias limitações possamos falar de liberdade como uma dialética, isto é, como algo incompleto que precisa completar-se na superação dos obstáculos com que nos defrontamos. Ainda que eu reconheça as minhas limitações nada impede que eu possa pensar com vocês sobre a liberdade e sobre o valor que ela deve ter para nós.

3. Na discussão deste texto, devo iniciar com uma tentativa de tomada de consciência sobre aquilo que é aceito como pronto, como certo e ao mesmo tempo, com a consciência do vazio que concerne o pensamento atual e com a falta de cuidado com os valores humanos. Nunca o imediato foi tão importante. Nunca o divertir-se, o gozar a vida foi tão importante.
4. O vazio existente diante da questão da liberdade, também, porque ela é assumida como uma garantia, como tendo existência “per se”, pois é direito de todo o homem ser livre. A liberdade não é mais vista como sendo o resultado de lutas para se chegar a ela e de lutas para se a manter. No decorrer deste texto vamos tentar uma diferença entre liberdade e comportamento livre de responsabilidades, de autoridade e de obrigações, com a intenção de eliminar a tensão e o drama da escolha pessoal num campo intersubjetivo: escolher entre outros, num mundo condicionado.
- 4.1. Liberdade pode ser concebida em termos sociais e políticos, incorporada nas leis, nos contratos, nas formulações de direitos humanos; estabelece um domínio onde a escolha livre que pode ser feita. O sentido de liberdade abrange transpor obstáculos, para possíveis escolhas e atividades – ausência de obstruções na estrada na qual o homem decide andar.
- 4.2. Entre as obstruções que devem ser removidas, preferivelmente através de ação social, estão aquelas produzidas pela pobreza, doença, ignorância. A remoção dos obstáculos para que as possíveis escolhas se realizem podem em muitos casos levar à dominação através das pessoas e limitadas oportunidades para muitos.
- 4.3. Sabemos, também, que mesmo dadas as condições de liberdade, muitas pessoas não exercitam a liberdade, não arriscam a ser diferentes, consentem, concordam, quase sempre submetem-se a opinião de outros, ou às maneiras frequentes de ser como os outros são. Ser visto pelos outros, mesmo ao exercer a liberdade, como sendo diferentes é ameaçador.

A forma do Professor Joel expor seu pensamento organizadamente em tópicos, o que facilita bastante a compreensão do texto pois cada tópico trata de um assunto de uma questão, os subtópicos vão revelando o aprofundamento do tópico. Até aqui ele respondeu a provocação da aluna, e brilhantemente com delicadeza nos mostrou já um caminho para se entender a liberdade como uma dialética, sem dúvida aqui sua aproximação a Merleau-Ponty, uma dialética aberta sempre a se fazer. Continuando o quinto tópico vai então colocar a questão da educação e da autenticidade e criatividade.

5. O problema da educação, entretanto, é múltiplo. Alguns aspectos agrupam-se em torno das conexões supostas existirem entre liberdade e autonomia; alguns têm a ver com a relação entre liberdade e comunidade, mais significativamente com a comunidade moral. Autonomia é o característico básico do indivíduo educado.

- 5.1. Ser autônomo é poder dirigir-se a si próprio e ser responsável pela sua conduta, é ser capaz de agir de acordo com as normas e princípios internalizados; é ser suficientemente compreensivo para poder conhecer os seus próprios impulsos, os próprios motivos e as influências do passado.
- 5.2. Há aqueles que atribuem à pessoa autônoma um desejo livre e racional, capaz de formar um sentido racional de mundo. Valores como independência, autossuficiência, e autenticidade, estão associados à autonomia, porque a pessoa verdadeiramente autônoma não é susceptível de manipulações e de compulsões. De fato, ele ou ela podem ao manter a calma e a postura racionais, transcender a compulsão e os complexos que possam de qualquer forma interferir no julgamento e na clareza.
- 5.3. “habitar” os princípios internalizados é reconhecer as regras de “deve” e do “possível”. E porque nós podemos agir desta ou daquela forma que perguntamos se “devemos ou podemos fazer isto ou aquilo”. Considerando os vários sentidos e usos do termo “deve” ou “possível”, podemos, ainda, compreender porque as pessoas que são capazes de ações fundamentadas em princípios e que são responsivas as ideias que eles encaram para si mesmos a autodeterminação e consideram-se, conseqüentemente livres.
- 5.4. Esta autenticidade, porém, que todos valorizamos tanto, tem o seu preço. Não se é autêntico simplesmente porque nos desembaraçamos dos outros e colocamos em evidência aquilo que somos ou desejamos. O “eigentlichkeit” de Heidegger, ou a autenticidade, envolve quase que necessariamente um estado de ansiedade. O existir-aí que todos nós somos é uma entidade para a qual, no seu Ser (ontológico) esse Ser é um problema. É um problema no que se refere às próprias potencialidades. Estas potencialidades fazem de nós aquilo que somos, como somos. Ser livre para as próprias potencialidades para Ser e, conseqüentemente, para as possibilidades de autenticidade ou de inautenticidade mostra-se como elemento primordial na concretude elementar, na ansiedade. Toda e qualquer autenticidade mostra-se comi possuindo um contingente de ansiedade. Portanto, não é tão fácil assim como parece, ser “autêntico”, ou mesmo ser “inautêntico”. Há estruturas básicas que fundamentam esta condição humana.
- 5.5. A inautenticidade “uneigentlichkeit” é o submeter-se a escolha comum, considerada “normal” e adotar as normas que são oferecidas pelo mundo chamado “normal” – o cotidiano.
6. As conseqüências para a educação têm a ver com a cognição, com o pensamento lógico, com a resolução de dilemas morais, com o domínio das regras inter-pessoais. Esta espécie de educação envolve “direcionalidade” do racional associado com o compromisso do útil, do

importante. Esta direcionalidade é uma direcionalidade da consciência, e não uma direcionalidade externa de alguém sobre nós.

No seu texto de aula o Professor Joel inicia uma nova numeração de tópicos, ele abre a aula para expor a filosofia de Heidegger. Inicia mais uma vez a numeração dos tópicos com poucos subtópicos, expõe mais 5 tópicos sobre autenticidade em Heidegger e em seguida 39 tópicos para desenrolar na filosofia, na literatura e na poesia o caminho para arte educação na escola, aqui para caber no formato de artigo não foram expostos os tópicos do número 16 até o número 22, em que o Prof. Joel Martins passa a falar sobre o ato de pesquisar. Como procuro neste artigo o focar o tema arte educação e a educação como um ato para a liberdade, finalizo exponho numa sequência numérica os 32 tópicos que correspondem aos 39 tópicos originais do texto de aula do professor Joel Martins, ou seja, só foram extraídos 7 tópicos, do 16 até o 22, em que o Professor Joel Martins faz uma breve passagem sobre o ato de pesquisar.

1. Vamos nos deter um pouco mais longamente neste tópico, pois ele constitui uma condição básica do Ser-aí, isto é, do existir-no-mundo-com-os-outros.
2. A autenticidade do Ser-aí, isto -e de todos nós, é a forma pela qual o Ser se assume, deferentemente do ser disperso no “eles”, onde se perde e precisa encontrar-se. Essa dispersão caracteriza o ser preocupado com o mundo ao redor com o cotidiano que está mais próximo dele. Se o Ser -aí, portanto, todos nós, estiver familiarizado consigo mesmo, como perdido nos outros, isto significa ao mesmo tempo, que o eles prescrevem os meios de interpreta o mundo e a forma de ser-no-mundo-com-os-outros que está mais próxima.
3. Perdido nos outros, não sou mais “Eu” no sentido do mim mesmo quem sou, mas antes os outros com as suas maneiras e caminhos. Se, porém, o ser descobre o mundo por si só e dele se aproxima, então mantém um Ser autêntico, e a descoberta do mundo se esclarece e se realiza saindo da ofuscação.
4. Quem sou Eu depende das minhas possibilidades de escolher e de tornar-se aquilo que sou. Esta ideia expande a proposta de Heidegger de “Eigentlichkeit”, ou seja, de autenticidade. A mesma possibilidade determinada de anteceder as pessoas capta o núcleo da sua “Uneigentlichkeit” – inautenticidade. Estas são as condições nas quais sou abandonado ao mundo – ser autentico ou ser inautêntico. O existir no presente é uma consequência de haver existindo no passado e de auto -projetar-se num futuro.
5. A questão importante a ser considerada não é de explicar como eu posso agir de certa forma que não seja mais eu; porém, como devo agir para recuperar o mim mesmo que perdi por ter

vivido num-mundo-com-os-outros, com aqueles que dirigiram meus caminhos, de forma que eu nunca pude ser eu mesmo. Iniciando com os eventos do cotidiano, a ontologia tradicional permite que o “self” (o si mesmo) seja encoberto pelas coisas do cotidiano médio – o mundo natural que é o mesmo para todos, onde distâncias e influências são mensuráveis, e onde não há “si mesmo” autêntico ou inautêntico, mas há uma continuidade das coisas por elas mesmas. Para sair-se da situação de perda no mundo, no meio dos outros, é preciso projetar um mundo de significados especiais e particulares para cada um de nós. Precisamos insistir no direito de ser criativo. Ser um “si mesmo” verdadeiro, se uma projeção criativa, uma modificação do mundo no qual nós simplesmente nos encontramos no cotidiano.

Aqui nova numeração inicia-se no texto de aula nova numeração dos tópicos, expondo então:

## **2 AS REGRAS DO DEVER E DO PODERIA**

1. “Habitar” princípios internalizados significa afinal reconhecer as regras do “devo” e do “poderia”. E porque podemos agir desta ou daquela forma que perguntamos se devemos realizar algo. Considerando os vários usos das palavras “dever” e poderia podemos ainda compreender porque as pessoas que são capazes de ações fundamentadas em princípios e que são responsáveis por ideias, que elas encarnam para si mesmas são consideradas auto-determinadas e, conseqüentemente, livres.
2. Esta espécie de educação abrange a direcionalidade de uma forma de “paixão racional” associada a compromissos com aquilo que é útil e digno. O respeito pela verdade está intimamente ligado a justiça e respeito pelos indivíduos que junto com a liberdade, são princípios fundamentais que sustentam a vida do homem moral e que estão personalizados na forma de “paixão racional” – refere-se neste texto à expressão de sensibilidade ou entusiasmo do sujeito humano que se manifesta na sua obra. Não confundir “paixão racional” com o termo vulgar, comum, “paixão”, sentimento ou emoção levados a um alto grau de intensidade, sobrepondo-se à lucidez e a razão, como por exemplo: “Deixou-se levar pela paixão, etc. etc.”
3. O problema com este alto foco cognitivo na sala de aula tem em parte a ver com aquilo que é excluído. Tem também a ver com a forma de raciocínio, se este é suficiente ou não, quando passa a agir num mundo de resistências, ou nos campos abertos das possibilidades entre as quais os indivíduos podem escolher.
4. Tem havido muitos relatos sobre discussões amplas e vigorosas do que acontece nas salas de aula, como por exemplo, deslealdades acadêmicas, falta de confiança, resistência não violenta,



relações sexuais, discriminações raciais. Não tem sido pouca a evidencia de que os participantes assumem tais problemas pessoalmente. Tem havido, porém, pouca transferência de situações para o mundo real, mesmo quando há oportunidades, digamos em demonstrações de paz, de agir de acordo com os princípios dirigentes.

5. Os jovens necessitam de oportunidade para projetar-se em mundo hipotéticos, ricos, criados pelas suas próprias imaginações, ou pela imaginação de artistas dramáticos. Mais importante, ainda, os jovens têm a necessidade de uma oportunidade de testarem uma nova ordem social e somente então, raciocinar sobre as implicações morais consequentes,
6. Os compromissos até aqui citados neste sub título referem-se, primariamente, a compromissos morais, não à liberdade em si mesma. Parece que há uma pressuposição ligando autonomia à liberdade pessoal, autonomia no sentido racional e de autogoverno. Para muitos um movimento proveniente de uma existência heterônoma (isso é, de uma moral que vem de fora, dos outros), com todos os seus condicionamentos e fatores formadores. Esta não pode ser senão um movimento na direção de uma espécie de autossuficiência governada por regras de independência. E isto, pelo menos quando se fala de bons alunos é visto pelos educadores como o fim mais desejado da pedagogia, a ser alcançado pela educação liberal, e comprometida com o útil.
7. Esta forma apresentada no item anterior tem sido a forma em vigor nas escolas, tanto de formação de professores, como nas escolas de 1<sup>o</sup> e 2<sup>o</sup> graus. Desejamos alunos obedientes, que introjetem normas de conduta fundamentadas em princípios da moral vigente.
8. Um ensino vinculado às necessidades dos alunos, todavia, afasta-se dessa concepção liberal de educação. Esta nova visão envolve o que chamaríamos de “cuidado”, “zelo”, o que Heidegger chama de “Die zorge”. Cuidado é algo que temos ou fazemos e não é algo que devemos sofrer. Qualquer ser humano só pode ser concebido na base da substancialidade ou da realidade que se expressa na sua existência, pois a essência do Ser humano repousa na sua existência. Este cuidado se expressa através de uma ansiedade. O Ser humano é lançado ao mundo. A situação de escola é semelhante a esta, as crianças são lançadas à escola, numa sala de aula, são seres-aí-no-mundo-da-escola. Estes seres humanos projetam-se em direção as suas próprias possibilidades de ser isto ou aquilo. Este mundo apresenta-se à consciência como um panorama de penumbra, quanto à familiaridade com o mundo público, o da escola, abandona-se na estranheza do auto alerta com um sentimento de não ser parte desse mundo.
9. O que é deixado para os seres humanos nesse mundo? O si mesmo como jogado aí sempre aí, adiante de si mesmo, buscando ser si mesmo e não outro. O cuidado, o zelo, podem ser vistos



como devoção, estado de preocupação. A ideia de cuidado e de zelo, circunspeção, em termos de educação, poderia ser denominado “Ensino desconexionado”.

Aqui o Prof. Joel está usando o sentido de ser livre, sem preconceitos.

10. Precisamos entender melhor este “zelo”, “cuidado”, “preocupação” como características do Ser-aí. Heidegger (1962) tem uma passagem muito interessante.

“...Uma vez “Cuidado” estava atravessando um rio, viu um pouco de argila; pensativamente pegou uma certa quantidade de argila e deu-lhe forma humana. Enquanto meditava no que estava sendo feito, chega-se Júpiter. “Cuidado” pediu a Júpiter que lhe desse espírito, o que ele o fez com prazer. Mas quando o nome deveria ser dado à criatura e “Cuidado” quis dar-lhe seu nome, Júpiter impediu e exigiu que o seu nome fosse dado.

Enquanto Júpiter e Cuidado discutiam, a terra surgiu e desejou que seu nome lhe fosse dado, pois ela havia fornecido a argila. Solicitaram a Saturno para ser seu árbitro e ele decidiu: como você Júpiter deu-lhe o espírito você receberá este espírito de volta; e como você terra deu-lhe a substância para fazer o corpo, você receberá esse corpo.

Mas como foi o “cuidado” que deu forma a entidade, ele possuirá essa entidade para sempre. E porque há uma disputa entre todos vocês vamos chama-lo “homo”, pois foi feito dos humos, da terra, mas sempre pertencerá ao Cuidado, ao Zelo do qual nunca se livrará. A entidade não se livrará da sua fonte. Portanto somos todos Cuidado, Zelo – preocupação eterna.” (p.242)

11. Um ensino conexionado seria aquele ensino que envolve cuidado, zelo, circunspeção. Seria aquele ensino que propõe aos seus alunos dilemas. O Professor cuidadoso, zeloso, conexionado, procura ver através dos olhos dos seus alunos, para lutar com eles como sujeitos na busca dos seus próprios projetos ou meios de atribuir significado ao mundo.
12. O pensamento reflexivo permanece importante, mesmo o pensamento lógico, mas o ponto de desenvolvimento cognitivo é interpretar as experiências, as maneiras de ser-no-mundo-com-os-outros. Esta forma de cuidado é, também, chamada de “atentividade” à mutualidade e à responsividade aos outros, e as preocupação de cada um são contextualizadas por John Dewey, Merleau-Ponty, Hanna Arendt.
  - 12.1. Dewey (1959) mostra a tendência de ver a socialização como um traço do indivíduo, isolado pela natureza, aproximadamente como sendo a mesma coisa que a tendência de combinar com os outros afim de conseguir proteção contra ameaças ao próprio self. Ele acreditava que era essencial considerar o problema da liberdade dentro do contexto da cultura, certamente dentro de um contexto de transações múltiplas e de relacionamento. Parte da dificuldade para Dewey e seus seguidores tinha a ver com a posição do “livre-arbítrio” “associado com a interioridade misteriosa”, mesmo com a descontextualização que negava as influências da vida associada.
  - 12.2. Hannah Arendt, acha que uma das maiores contradições do século está na distinção entre a liberdade interna e a falta de liberdade externa; a busca apenas da liberdade interna, diz ela,

nega a noção de práxis e do espaço público. Para ela a liberdade foi identificada como o espaço que fornece o lugar para a ação humana e suas relações. Ela acredita que a liberdade foi a maior razão para as pessoas poderem agregar-se numa ordem política; é a “raison d’être” da política é o oposto da liberdade “interna”, que ela chama de espaço interno no qual podemos escapar às coerções externas e nos sentirmos livres.

O Professor Joel consegue em um breve tópico expor a essência do pensamento de Hannah Arendt, em *A Condição Humana*. Não citou uma página específica aqui, mas há uma passagem em que a autora expressa bem o sentido da liberdade e esse sentido que o Professor Joel quer dar entre liberdade interna e externa.

À antiga liberdade em relação às necessidades da vida e à compulsão alheia, os filósofos acrescentaram a liberdade e a cessação de toda a atividade política (skhole) de sorte que a posterior pretensão dos cristãos – de serem livres de envolvimento em assuntos mundanos, livres de todas as coisas terrenas – foi percebida pela apolitia, livres de todas as coisas terrenas -foi precedida pela apolitia filosófica da última fase da antiguidade, e dela se originou. O que até então havia sido exigido somente por alguns poucos era agora visto como direito de todos. (p.23)

A autora coloca uma nota em que explica que a palavra grega Skhole, como a língua latina otium significa basicamente isenção de atividade política...

13. A normalidade aparente, e cotidianidade da vida dos jovens torna necessário que as ações intencionais precisam ser empreendidas para colocar a vida e o conteúdo curricular dentro da atenção dos alunos, tornar as situações mais palpáveis e visíveis. Somente quando são visíveis e palpáveis é que elas apelam para a “interpretação”. E somente, quando os indivíduos são dotados de poder para interpretar uma situação é que eles vivem juntos, tornam-se capacitados a fazer a mediação entre o mundo e as suas próprias consciências, localizar-se, situar-se de forma que a liberdade possa surgir.
14. Sobre a Consciência como as pessoas estão envolvidas, engajadas no seu ao redor, Merleau-Ponty (1945).

... é porque estamos cada vez mais envolvidos com o mundo que a única maneira para nós de nos percebermos é suspender esse movimento, de recuar nossa cumplicidade (de ver sem ser medíocre), ou então de o situar fora do jogo. Não que se renuncie as certezas do senso comum e da atitude natural – elas são ao contrário o tema constante da filosofia – mas porque, justamente como pressuposto de todo o pensar elas são assumidas como certas, passa despercebida e para as despertar e para fazê-las aparecer precisamos suspender por um momento nosso reconhecimento delas” (p. 8)

O Professor Joel explica que Merleau-Ponty está falando da importância da relação de distância para se poder chegar a uma interiorização. Ele não estava chamando atenção para uma redução ou diminuição da atenção da vida comum. Antes, porém, estava explorando a possibilidade de ver aquilo que era comumente obscurecido pelo familiar, pelo conhecido, parte constante do cotidiano, de forma que deixa de ser visto.

15. Podemos pensar no relógio que faz parte importante de uma sala de aula, ou das campainhas, que marcam o final da aula, ou dos autos falantes que berram ao nosso redor. Podemos pensar, ainda, na bandeira nacional, no hino nacional, na constituição. Porque estes fenômenos devem ser eles pressupostos básicos para o pensamento e para a autoidentificação.

Aqui pulamos alguns tópicos conforme informado e o tópico 16 passa a ser o tópico 22 do texto original da aula do Professor Joel, conforme anteriormente sinalizado, em que o Professor muda o foco para o ato de pesquisar. Este artigo segue a partir deste momento até o final a ordem numérica para a sequência dos tópicos aqui expostos.

16. Educação como um ato para a liberdade precisa ser definida e claramente focalizar a amplitude do intervalo de inteligibilidade humana, as múltiplas linguagens e sistemas de símbolos disponíveis para ordenar a experiência e atribuir sentido ao mundo-vida.
17. A preocupação com o crítico e com o imaginativo, com a finalidade de abrir novos caminhos para ver as coisas, está totalmente fora de cogitação na ênfase que é dada ao tecnicismo e ao behaviorismo e ao funcionalismo, que ainda se encontram como fundamentos da educação brasileira, de certa forma já até deformados. Se estivermos seriamente interessados em educação para a liberdade, bem como para a abertura de perspectivas cognitivas, é importante encontrar um meio de desenvolver uma práxis das consequências educacionais que abrem espaço necessário para a reconstrução de uma comunidade democrática. Para que isso aconteça é preciso:
  - 17.1. novos compromissos com a inteligibilidade e não com a inteligência (este sufixo “dade”, provém do latim “tate” e quer dizer “qualidade, modo de ser, estado, propriedade”, portanto, inteligibili mais dade, indica o estado de ser inteligível mais do que o substantivo inteligente.
  - 17.2. nova fidelidade ao procedimento da comunicação.
  - 17.3. Uma nova visão do que seja imaginação, ou “Einbildung” (Ficção, Fantasia). Esta imaginação é uma experiência viva, ou, mais precisamente, a experiência viva de estar imaginando. Dessa forma a consciência de algo, de uma ideia (essência) é em si, e necessariamente, espontânea. A fantasia é uma forma de imaginação. Não estou falando de fantasias de escola de samba,

mas de fantasia que constitui uma forma de imaginação. Todos temos nossas fantasias delas nos abastecemos, são formas criativas do nosso Espírito.

- 17.4. Nova visão do que seja uma atmosfera a ser criada numa sala de aula
- 17.5. Permissividade para que várias vozes possam ser ouvidas, além da voz do professor, principalmente, aquelas vozes que raramente são ouvidas.
- 17.6. As linguagens exigidas (aqui já está uma ideia a ser desenvolvida na concepção de currículo) incluindo vários dos modos de atribuição de sentidos.
18. As linguagens exigidas (aqui também há uma ideia a ser desenvolvida na concepção de currículo que difere desse ranço que se vem falando de currículo)
  - 18.1. O que são disciplinas acadêmicas
  - 18.2. Os campos de estudos. Nenhum deles, porém deve ser considerado completo ou abrangente, desenvolvidos como se eles pudessem responder as espécies particulares de questões propostas num determinado tempo. Com lentes ou perspectivas, ou “variações imaginativas”, no mundo participante de realidades, eles não podem senão soar e reformar à luz de novas correntes, novas questões, novas incertezas.
19. A importância da perspectiva, ou do aspecto perspectival da educação como fenômeno, é reconhecer que nada num mundo acadêmico pode ser completo ou termina. Há sempre mais, há possibilidades sempre, e é nosso espaço aberto que se realiza a busca da liberdade. O mesmo pode ser dito no que se refere à arte e ao objeto artístico – não apenas dos textos literários, mas à pintura, à música, à dança. Eles têm a capacidade, quando são vistos de forma autêntica, de habilitar os indivíduos a ver, a ouvir aquilo que eles comumente não veriam ou ouviriam, a sentir uma consonância ou dissonância, uma visão conservadora, ou radical em arte, elementos que são dissonantes e anormais para o mundo, os perfis incompletos do mundo.
20. Nesse contexto, eles são tão importantes, pois têm a capacidade de transfigurar as experiências comuns do mundo é algo bastante diferente para aqueles que acordam para ver e ouvir.
21. As generalizações sobre que formas como tal potencial domina as diferentes pessoas, são tentadoras, mas são postas neste texto, para melhores e mais profundas discussões posteriores.

Tanto o Jazz como os Blues desempenham uma ação bastante transformadora, senão um efeito libertador sobre muita gente. A história musical de um país lembra histórias de grandes músicos. A influência do jazz na Europa, na Tchecoslováquia criou dissidentes. A maneira como os blues se transformaram em Rock e o que se chama “raps” são testemunhas de vidas oprimidas

22. Isto está claro na música. Voltando-se ao horizonte do silêncio, pelo menos um século, abrindo-se os ouvidos para novas frequências, arriscamos sempre novos sons. Isto é verdade para a dança como pioneira dos movimentos e das metáforas visuais que abriram para o homem novas possibilidades de usar o corpo humano e, conseqüentemente, para a sua incorporação consciente no mundo.
23. Na pintura, o caso foi sempre dramático. Como exemplo podemos tomar um pintor do século XVIII, da escola inglesa de pintura, John Constable, que abandonou os paradigmas antigos da pintura dos ateliers, das luzes dos ateliers e começou a descobri seus sujeitos ao ar livre. Rompeu com os horizontes das expectativas da burguesia; Constable habilitou os expectadores a perceberem as cores nas paisagens, como os verdes, por exemplo, mais do que na forma tradicional do marrom. Ele descobriu a forma de desconstruir o mundo visível nos efeitos que produzia, tornando acessível sombras e nuances nunca suspeitadas como existentes anteriormente.
24. A mesma coisa aconteceu com vários artistas visuais, se conseguirmos vê-los na sequência dos seus antecessores. Movendo-nos como se estivéssemos num Museu sem paredes, ouvindo o que Merleau-Ponty diz no “Olho e o Espírito”, ouvindo vozes do silêncio, podemos descobrir em nós mesmos os grandes artistas que aí estão, Giotto Della Francesca, Boticelli, Michelangelo, Raphael, Poussin. Entre os modernos, visões etéreas e luminosas nos são dadas por Claude Monet que torna visível os efeitos da luz sobre os objetos vistos tão solidamente como se estivessem presentes. Não só podemos, como devemos lembrar Pablo Picasso que expandiu abruptamente as concepções dos observadores ocidentais sobre a humanidade e o espaço, na “Les Demoiselles D’Avignon”, com seus rostos africanos e ibéricos, ou na imagem de sofrimento insuportável como na Guernica.
25. Quase todas estas visões são desconhecidas de nossas escolas e de nossas salas de aulas, e muito pouco professores estão informados ou são mesmos corajosos para iniciarem uma trajetória em direção a ver tudo isso. Deve mesmo ser reconhecido que poucos vêm na arte um potencial emancipatório, as artes não tem sido cultivadas como meios ou formas de libertação, de assegurar educação para a liberdade.
26. Entretanto, para aqueles que estão autenticamente preocupados com o “surgimento do significado”, com o rompimento do superficial, interessados em ensinar outros a ler os seus próprios mundos, as formas de arte devem ser concebidas como uma possibilidade sempre presente.

27. Não devem as artes ser tratadas como se fossem mera declaração, frivolidade, pois esta é a forma mais virulenta da popularização da arte. Deve ela ser tratada como transformadora, se a preocupação do professor for a do intelectual transformador. Uma parte central do currículo, onde quer que ele seja planejado deverá preocupar-se com a arte como um meio transformado.
28. Nunca poderia ser sem importância incluir-se as imagens produzidas por Brake, o grande pintor inglês ou por Portinari.
29. Na poesia, ou na Poíese, como ignorar os poetas brasileiros como Castro Alves no seu famoso: “Navio Negreiro”, ou “Vozes da África” que falam de angústias de um povo escravizado.

Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!  
Andrada, arranca esse pendão dos ares  
Colombo fecha a porta dos teus mares  
O poeta está profundamente angustiado com as correntes migratórias escravagistas e a única forma de se expressar foi a poesia.  
Ou então em vozes da África:  
Hoje em meu sangue a América se nutre  
Condor que se transformara em abutres.  
Ave da escravidão...  
Ela juntou-se às mais.... irmãs traidoras!  
Qual de José os vi irmãos, outrora  
Venderam seus irmãos

Em vozes da África o poeta faz as diferenciações dos continentes que se impuseram às glórias do mundo, sem prestar atenção ao que acontecia na África.

30. Na construção do currículo deveria estar incluída a poesia, as novelas de autores consagrados, romances, teatro, cinema e história da obra de arte e de autores de valor. O que mais extraordinário no trabalho de libertação do pensamento do que Guimarães Rosa. A obra de arte, seja ela plástica, musical, ou literária são veículos estéticos de reconhecimento que retiram dos indivíduos percebedores a cegueira produzida pelo cotidiano e desenvolve o poder de criar.
31. Uma educação libertadora, deverá ir além de funções, além da subordinação às pessoas, aos fins e aos estímulos individuais. Precisa movimentar-se além das simples realizações de ações até chegar as iniciativas individuais. Isto não quer dizer que o engajamento estético, porque ele se realiza no domínio da liberdade, separa ou aliena os alunos completamente das tarefas do mundo.

Termina o texto de aula, o Prof. Joel novamente voltando a citar Hanna Arendt quando trata da compreensão do poder que nunca é propriedade de um indivíduo; ele pertence a um grupo e permanece na existência somente enquanto o grupo permanece unido. Dizia para finalizar sua aula o Prof. Joel que Arendt concebia o poder como um fortalecimento, uma condição de possibilidade para a vida

humana e para a vida política e para a educação também completa o educador Joel Martins. Suas ultimas palavras desta magnifica aula: Mas é preciso abrir lugares, espaços nas escolas, um ar puro deve estar sempre penetrando as escolas. Há necessidade de ser paciente, lutar tenazmente, e no que se refere à liberdade esta é uma questão que se refere a um tempo ótimo para se iniciar sempre.

O final da aula do professor Joel Martins, não só deixa saudades de pessoas assim com tanto conhecimento, tão profundo, com essa enorme bagagem como também revela a necessidade de ressuscitar essas ideias, esse texto esquecido. Sim este presente que nos ofertava a cada aula o professor Joel Martins, humildemente, datilografando naquela pequena e dura máquina de escrever, Olivete portátil, em que o professor com maestria e muita habilidade datilográfica, em suas batidas firmes e determinadas, rompia a dureza dos mecanismos da máquina desgastada pelo tempo e fazia soar uma melodia clara e decisiva, como quando tocava seu piano de caldas, os sons da sua máquina de escrever como as melodias em seu piano resultavam nesses espetaculares textos que nos faziam refletir, pensar o pensado. Um texto produzido e apresentado em sala de aula há 25 anos e aqui tão atual e necessário. E por outro lado o que mudou na educação de lá para cá? Ampliou-se o abismo entre educação e arte educação para a liberdade.

Contudo, há no aspecto positivo no cotidiano das escolas que é impulsionado pela arte. Como diria o grupo de rock Titãs; “O pulso ainda pulsa”, acrescentaria então que pode ser que o pulso das artes ainda pulsa nas escolas. No que se refere a educação e a arte, elas juntas, realmente transformam o espaço escolar. A exemplo, do que passei recentemente, final do ano passado, um ex-aluno, que trabalha como professor numa escola estadual de ensino fundamental e médio de Itaqucetuba, SP, me convida para participar de uma manifestação artística realizada por todos os professores e alunos contra a diretora, por esta ter manifestado um comportamento racista contra duas alunas da escola. O final desta história é que fizeram esta apresentação artística toda focada no racismo, como uma atividade de encerramento das atividades do ano letivo na escola e literalmente fecharam a escola. Com quase todos professores solicitando transferência da escola e a diretora racista ficando sem possibilidade de dar continuidade ao ano letivo por falta de professores. É neste aspecto que o Professor Joel Martins estava muito a frente de todos nós e clamava para que a educação sempre fosse inclusiva e sobretudo emancipadora que transforme os indivíduos em suas práticas, possibilitando a real evolução dos conhecimentos e das técnicas, e de todas as maneiras incluir a arte como forma de humanizar a educação.



## REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah, A Condição Humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

DEWEY, John, Democracia e educação, São Paulo: Companhia Editora nacional, 1959.

HEIDEGGER, M. Being and Time. New York, Hagerstown, São Francisco, London: Harper & Row, Publishers, 1962.

MERLEAU-PONTY, M. Phénoménologie de la Perception. Paris: Gallimard, 1945.

\_\_\_\_\_. L'Œil et l'Esprit. Paris: Gallimard, 1964.